

# Setor agrícola se prepara para derrubar barreiras

*Especialista diz que a questão da qualidade nas cadeias agrícolas brasileiras está atrasada*

**RODRIGO GUIDI**  
guidi@jppjornal.com.br

A qualidade das cadeias agroindustriais brasileiras e as especificações do etanol para o mercado internacional foram alguns dos temas abordados ontem, durante o 2º workshop Barreiras Técnicas, Qualidade e Informação Desafios para o Comércio Internacional, realizado no anfiteatro do pavilhão de química da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz).

Um dos palestrantes do evento, Luiz Antonio Pinazza, diretor do Instituto de Estudos do Agribusiness (IEAg), afirmou que as certificações dos produtos agrícolas brasileiros dependem da participação de todos os envolvidos e devem ser baseadas na credibilidade.

Segundo Pinazza, a certificação é o último passo da qualificação do agronegócio brasileiro. “Primeiro precisamos padronizar. O processo não pode ser unilateral, tem que ser gradativo e com uma metodologia aceita pelas partes envolvidas. Para a certificação ter valor, ela precisa ser amplamente reconhecida e definida com princípios e critérios transparentes”, disse.

Para Pinazza, as cadeias produtivas precisam entender claramente as regras dos acordos assinados pelo Brasil. “Esse processo é irreversível. Já existe uma sensibilidade forte sobre a questão da padronização, que começa a chegar ao campo, assim como atingiu o setor industrial há duas décadas.”

O diretor do IEAg afirmou ainda que a questão da qualidade nas cadeias agrícolas brasileiras está atrasada e que todo o processo de padronização deverá acontecer com sustentabilidade. “Estamos avançando devagar. O Vietnã já tem cerca de 60 selos, a Colômbia 40. Essa geração que está hoje nos bancos escolares será a geração da padronização agropecuária, porém tem que ser uma normatização sustentável respei-



## CAMINHO

*Luiz Antonio Pinazza, diretor do Instituto de Estudos do Agribusiness (IEAg)*

tando-se não só a questão econômica como também a ambiental e a social”, disse.

**ETANOL** – Para Heloisa Burnquist, professora da Esalq e pesquisadora do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), o evento foi extremamente positivo. “O balanço foi bom porque mostrou que o envolvimento do setor privado nesse processo de desenvolvimento de normas que atendam as necessidades do mercado está em evolução. Ainda faltam muitos desafios grandes que teremos que enfrentar, mas já existem iniciativas nesse sentido e uma das que já está bem encaminhada fala sobre a certificação do etanol”, disse.

Segundo Heloisa, a certificação e a padronização do etanol está levando em consideração questões de sustentabilidade ambiental e social e o estabelecimento de uma referência irá funcionar co-

mo um facilitador para a comercialização do produto em todo o mundo. “Não acredito que existam barreiras por não existir um padrão comum. As barreiras existentes hoje são as tradicionais, como as barreiras tarifárias impostas pelos EUA e pela União Europeia. A OMC (Organização Mundial do Comércio) não contempla isso porque ainda não se sabe se o etanol é um produto industrial, agrícola ou um produto que poderia ter benefícios por ser ecologicamente correto”, disse.

Heloisa não acredita que crise econômica vivida nos últimos meses pelos EUA pode influenciar na importação do etanol brasileiro. “O problema lá não é o consumo. Se eles tiverem um excesso de consumo e não conseguirem abastecer com o mercado interno, irão importar o etanol. A questão é que a política do setor agrícola é que deve determinar se os EUA importarão ou não o combustível.”

**PROGRAMA** – Além de Pinazza, participaram do workshop Reinaldo Dias Ferraz de Souza, coordenador-geral de serviços tecnológicos do Ministério da Ciência e Tecnologia, que falou sobre a cadeia da conformidade aplicada ao agronegócio; Rodrigo Lima, gerente-geral do Ícone, que abordou a segurança alimentar no país; José Félix Silva Júnior, consultor da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), que abordou a harmonização da especificação internacional do etanol; Francisco Frederico Sparenberg Oliveira, do conselho técnico da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), que também falou sobre a normalização do agronegócio e Paulo Cruvinel, coordenador-executivo da Ripa (Rede de Inovação e Prospecção Tecnológica para o Agronegócio), que abordou a atuação das instituições públicas e privadas para o agronegócio brasileiro.

Marcelo Germano/JP